Acerca das cartografias cidadianas de lucimarbello da Vila Olímpia

Como é possível que tudo possa ser feito e desfeito,
criado e destruído,
mas que o próprio Z estivesse ali sentado
com o sentimento de que lhe faltava a criação.
Juliano Garcia Pessanha[1]

O horror de não ser
Adentrar a existência por via da criatividade
Sentir a vida como digna de ser vivida
Tomar parte na criação, interferir no movimento incessante / configurar fluxos
Adentrar à dimensão trágica da vida
Amor fatti

Se tomarmos um objeto, obra, imagem que chamamos de artístico – mas também qualquer produção / invenção (não necessariamente artística) que faça corpo com um acontecimento – como um objeto-cicatriz, como uma configuração semiótica que é ao mesmo tempo produção de território subjetivo a partir de matérias do mundo, como podemos pensar a relação que se estabelece com este objeto do ponto de vista da recepção? Isto é, na experiência que tivemos aqui, como nós nos relacionamos com as imagens trazidas por Lucimar, em sua seqüência rítmica, em sua aparição em nosso agenciamento coletivo?

Assim estamos trabalhando com duas dimensões da experiência estética enquanto experiência sensível e criadora de mundos:
- uma que é a experiência de produção do objeto-cicatriz;
- outra, que diz respeito a experiência do encontro com este objeto.

Para Gilberto Safra[2], as experiências estéticas, por seu caráter sensível, material e criativo, são essenciais para a constituição e apresentação do *self*, podendo ser entendida como uma experiência através da qual um sujeito cria uma forma sensorial que, de alguma maneira, dá conta de uma vivência.

---

[1] Pessanha, J. G. *Sabedoria do nunca*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
[2] Safra, G. *A face estética do self*. São Paulo: Unimarco, 2004.

No entanto, para este autor, a experiência estética só é possível na presença de um outro significativo. Ao reconhecer a produção de um outro como significativa possibilitamos a experiência estética, que coloca a vida em movimento.

A criatividade é, nesse sentido, fundamental. Só conhecemos ou compreendemos o que criamos. É somente a partir da capacidade criadora que conseguimos estar no mundo e nos relacionar com o outro.

Assim a experiência estética tem uma outra dimensão que é a da recepção, isto é, a experiência de alguém que encontra um objeto-cicatriz. Aquele que encontra o objeto-cicatriz pode sentir-se afetado se o acontecimento que instaura a ferida e deu lugar à sua produção, ressoa de alguma forma em seu corpo.
A pergunta é: o que esse encontro produz em mim?

Lucimar foi pega, pela proximidade espaço-temporal com um edifício em construção – foi pega em meio a proliferação de habitações *prêt-a-porter* que invadem uma grande cidade. Sentia a premência de fazer alguma coisa com aquilo. Lucimar foi convocada, não podia deixar passar. Um movimento ininterrupto de criação e destruição do mundo gritava em sua janela. Não criamos porque queremos, somos obrigados a criar, nos ensina Deleuze. Atravessada pela produtividade proliferante da cidade, foi arrastada – às vezes acordava no meio da noite, "o prédio me pedia que eu o fotografasse", nos conta ela. Como estancar o fluxo? Como fazê-lo passar? Como produzir marcas?

As imagens nos vão revelando um monstro em expansão, seus tentáculos surgindo do solo e, num ritmo maquinal, aumentando, crescendo pr'a frente, para os lados, em todas as direções. Crescia o monstro, crescia a urgência de contornar de alguma forma o movimento que comportava em um só tempo, criação e destruição.
Todos ficamos afetados. Associações surgem, perguntas, pensamentos, incômodos, ressonâncias.
"A cidade não para, a cidade só cresce. O de cima sobe e o debaixo desce" (Chico Science).

A experiência estética instala-se assim num intervalo entre a ferida e sua cicatriz.

A cicatriz é tecido. Produção de tecido vivo para conter o escoamento do sangue e tentar refazer a superfície.
O CsO instalado pelo acontecimento do encontro com um monstro que não para de crescer, clama por uma reterritorializaçao. A abertura indiscriminada para o exterior pede a construção de uma membrana que filtra, deixa passar ou impede, isto é, organiza os encontros[3]. Instaura-se um processo de produção de um corpo-arte[4].

O contato com a obra reabre a ferida, nossas feridas dos tantos encontros com processos de criação / destruição. Nossas feridas abertas pela vivência de sermos tomados e arrastados por um movimento que não podemos conter e que avança em direções que não desejamos. "Como é possível que tudo seja feito e desfeito, criado e destruído?"

E a cidade, nossa cidade, nosso território coletivo. Cabemos nela e não cabemos. Desejamos outra e a amamos assim.
Nosso embate cotidiano com a cidade produz em nós um corpo citadino, fechado aos acontecimentos. Muitas marcas tornando a pela espessa.

Em sua conferência no seminário Vida Coletiva Jean Marie Gangnebin[5] nos apresenta o pensamento de um sociólogo do início do séc. XX, Zimmer (ainda é preciso pesquisar se é memo este o nome do autor citado). Para ele a grande cidade representa a vitória do racionalismo e do individualismo em detrimento de relações sociais mais afetivas, mais orgânicas, nas quais as experiências são marcadas por um excesso de proximidade. Submetido a um excesso de estímulos sensoriais e intelectuais, o habitante das grandes cidades tem de se proteger – para não sucumbir a um esgotamento físico e intelectual - e o faz criando uma carapaça de indiferença e frieza. Assim abdica de um tanto de sua sensibilidade. A percepção sensível se torna mais pobre pela saturação.

---

[3] Deleuze, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002. "Será dito bom, aquele que se esforça, tanto quanto pode, por organizar os encontros, por se unir ao que convém à sua natureza, por compor a sua relação com relações combináveis e, por esse meio, aumentar sua potência." (p. 29).
[4] Termo cunhado por Marcus Vinícius Machado de Almeida na tese de doutorado *A dança selvagem do corpo*. Para este autor o CsO é um corpo de abertura para a criação mas o que o diferencia do corpo-arte é que este último é a constituição de um território a partir da abertura instaurada pelo CsO. Desta forma, o corpo-arte possibilita ao acontecimento, terminar de acontecer, através de sua contra-efetuação.
[5] Seminário Vida Coletiva. Disponível em: http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal

Mas Lucimar não quer que fiquemos anestesiados, ela não está.
Reabre em nós, feridas, mas apresenta ao mesmo tempo um bálsamo, a cura? – talvez um caminho possível e cura. Produzir objetos, pensamento, corpos, imagens. Inserirmo-nos neste movimento incessante de criação e destruição. Não ficar submetido. Não deixar a vida passar sem nos emocionarmos, como nos provocava uma obra na Bienal.

A experiência estética faz reviver; ela é também a re-edição de outros acontecimentos que se juntam a este. Retornamos a eles através do contato com a obra-cicatriz, fruto de um embate. Há no objeto, imagem, sonoridade, ritmicidade, uma resolução do problemático que o abre para outras problemáticas – um caminho que bifurca, mas sempre um caminho e não um muro que impediria a passagem.

Nas imagens vemos muros se fazendo, mas também espaços por onde o ar pode circular. Aberturas, janelas. Por baixo dos muros, as madeiras desenhando linhas, um traçado, um trançado, fios apresentando na materialidade de uma construção que o que é poderia ser diferente.

Ao mesmo tempo o encontro com este objeto cicatriz é o encontro com as marcações de um território. O prédio-monstro que invade o espaço vital de Lucimar agora também é dela. Ela apossou-se, envelopou-o. (envelopar: envolver aquilo ou aquele que se encontra – de alguma forma apoderar-se dele, mas respeitando-lhe as relações e os mundos próprios.). Fez dele seu território.

Encontrar um território é também encontrar uma distância. A minha distância em relação ao outro comporta uma ética. A distância que é preciso demarcar, não avançar, a justa distância que permite o comum. A experiência estética é uma experiência no mundo comum.
Hannah Arendt[6] nos diz que a arte é hoje o último reduto onde se constrói um mundo comum, num mundo voltado para a produção e consumo incessante de coisas para garantir a vida.

---

[6] Arendt, Hannah. *A condição humana.* Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2003.

Construir um mundo comum é uma política.

A experiência estética está sendo pensada aqui como experiência com um objeto / produção humana, que comporta uma dimensão do comum, mas também uma dimensão do sagrado. A partir do contato com algo absolutamente material, instaura-se uma conexão com uma dimensão imaterial que comporta campos de força e a vitalização produzida por um re-encantamento do mundo.

Imagens da vida que prolifera e da vida submetida – a captura do movimento vital, sua territorialização de fachada.

Por alguns instantes nos encantamos com andaimes, pedaços de concreto, linhas desenhadas pela madeira, obras em obras – para em seguida nos darmos conta que todo o processo caminhava para um final previsto, acabado, funcionando bem demais – teleologia. Nada há aqui de criação, de invenção, de acaso. Somente o planejado e frio *hall* de entrada de um prédio de classe média no meio das Perdizes. Estávamos diante de uma construção de fachada.

E lucimarbello já não é mais das Perdizes. Escapou, fugiu para outro meio. Desdobramento.

O grupo do Agenciamento Coletivo se põe a trabalhar. Livres associações, angústias já vividas, outras já pensadas. Há quem também se sinta convocado e fotografe as constantes demolições em Perdizes. Há quem lembre das casas de bairros populares, todas iguais que vão aos poucos sendo habitadas, envelopadas, marcadas, singularizadas. Pensamos nos sons que acompanham mentalmente essas imagens, pensamos no ritmo com o qual elas se imprimem em nós.

Não estamos interessados ou preocupados com o que essas imagens querem dizer, mas em como elas funcionam. Que dispositivo fazem funcionar, quais pequenas máquinas

estão agenciadas neste dispositivo e que relação particular ele estabelece com as grandes sociais e históricas.[7]

A arte é pensada assim (como nos propõe René Scherer[8]) em sua dimensão utópica - no sentido da não aceitação da realidade reduzida a seus aspectos objetivos -, e pode promover o re-encontro com o mundo da vida, para além ou aquém dos artifícios que o encobrem.

Estamos de alguma forma compartilhando os incômodos de um convite a uma vida dês-sensibilizada e lutanto para tomar parte no fluxo ininterrupto de criação e desfazimento. Para Deleuze[9] partilhar alguma coisa é remar junto, é estar no mesmo barco.

Elizabeth Lima, 2006

[7] Deleuze, G. *A ilha deserta.* São Paulo: Iluminuras, 2006.
[8] SCHERER, R. Modernidade e Utopia. Palestra proferida no Programa de Estudos Pós Graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP, São Paulo, 01/12/1999.
[9] Deleuze, G. *A ilha deserta.* São Paulo: Iluminuras, 2006.